



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, antes da cerimônia de inauguração da Estação de Tratamento de Esgoto Anhumas

Campinas-SP, 02 de fevereiro de 2007

Jornalista: O que muda com a eleição do Chinaglia?

Presidente: Veja, primeiro vamos discutir a questão de saneamento. Eu estou vindo a Campinas para inaugurar uma das maiores obras de saneamento básico que está acontecendo no Brasil. É uma obra que já teve um investimento de praticamente 56 milhões de reais, é uma parceria do governo federal com a prefeitura de Campinas, é uma obra que vai beneficiar 250 mil habitantes de Campinas e quase 2 milhões de pessoas que moram na região de Campinas e, portanto, é uma obra que nos dá orgulho, porque é importante lembrar que, quando nós viemos inaugurar o Piçarrão aqui, há dois anos, Campinas tinha atingido apenas 30% de tratamento de esgoto. Com esta obra, Campinas vai atingir 65%. Eu espero que, nestes quatro anos, a gente possa contribuir para que Campinas possa chegar aos 100% de tratamento de esgoto, o que seria muito melhor para todo mundo que mora em Campinas e na região.

Jornalista: São 504 bilhões de reais que vão ser investidos em infra-estrutura. Quais são as prioridades do governo?

Presidente: As prioridades do governo, na verdade, são obras de infra-estrutura, portos, aeroportos, rodovias e ferrovias e, depois, tem 140 bilhões de reais em investimento naquilo que nós chamamos de infra-estrutura social, que é a parte habitacional e a parte de saneamento básico. Não há nenhum



momento, na história do Brasil, em que se colocou tanto dinheiro disponível para saneamento básico, porque nós achamos que se quisermos melhorar a qualidade de vida das pessoas, nós temos que fazer uma coisa que é essencial na vida das pessoas e que, muitas vezes, muitos políticos não querem levar a sério o que é enterrar um pouco de dinheiro em encanamento, com manilha, para você poder colher esse esgoto e tratá-lo.

Eu acredito que nós estamos fazendo uma coisa que vai servir para uma nova cultura de investimento e de administração no Brasil, ou seja, definir aquilo que é prioridade no que diz respeito a saneamento e habitação, portos, aeroportos, rodovias e ferrovias, fazer as hidrelétricas que têm que ser feitas, para que o Brasil possa seguir em frente, e esse é o nosso sonho, que o Brasil tenha um virtuoso crescimento econômico nos próximos 10, 15 ou 20 anos.

Jornalista: O senhor começa a reforma ministerial na segunda-feira?

Presidente: Não, não, não começa na segunda-feira. Primeiro, eu não estou com pressa de fazer a reforma ministerial. As coisas estão indo bem, nós acabamos de ter a eleição na Câmara, nós temos conversado com os partidos políticos e, em algum momento, eu vou começar a chamar os partidos e discutir, então, as mudanças que eu tenho que fazer no governo. Mas eu não tive pressa e não tenho pressa, porque nós ganhamos as eleições, o time foi vitorioso e, portanto, eu estou tranquilo na montagem do governo.

Jornalista: O seu candidato não era o Aldo?

Presidente: Veja, primeiro, o presidente da República não pode ter candidato a presidente da Câmara. O presidente da Câmara pode ter candidato a presidente da República, mas o presidente da República não pode ter da Câmara. Todo mundo sabe da minha relação história com o PCdoB e,



sobretudo, da minha relação pessoal com o companheiro Aldo. Todo mundo sabe da minha relação histórica com o Arlindo. Portanto, o governo, embora parecesse estar numa situação delicada, na verdade, o governo tinha dois candidatos com potencial de ganhar disputando as eleições, e foi o que aconteceu. Se quiséssemos apenas teorizar, nós iríamos ver o somatório da votação do Aldo com a somatória da votação do Arlindo, no primeiro turno, e iríamos perceber a quantidade de potencial de votos que nós temos dentro da Câmara dos Deputados.

Agora, o dado concreto é que o resultado foi definido pela maioria da Câmara. Eu tenho certeza que a Câmara e o Senado continuarão independentes, ou seja, têm o seu trabalho próprio, têm a sua definição e o seu perfil, e, portanto, nós vamos trabalhar como trabalhamos com o Aldo, como trabalhamos com o Renan, no primeiro mandato, com muita tranquilidade. O que é importante para nós é que o Congresso Nacional tenha a definição de que nós precisamos aprovar tudo o que for necessário para destravar o País, porque fazendo isso nós não estaremos fazendo um favor ao presidente da República, um favor ao governo, nós estaremos, no fundo, no fundo, fazendo um favor ao Brasil e fazendo um favor ao povo brasileiro.

Jornalista: É uma página virada? Na base aliada, do ponto do processo de eleição, é página virada? O senhor acha que a base volta, agora, a se reunir por conta dessa coisa de destravar o País?

Presidente: Volta. Veja, eu acho que não tem o que se diga, se houver alguma rusga por conta da disputa, isso será consertado pela nossa tradição de convivência democrática. A relação entre o PT e o PCdoB é histórica, a relação entre o Arlindo e o Aldo é histórica, são relações de 30 anos, que não vão ter uma crise por causa de uma disputa de 30 dias. Todos nós sabemos que o que está em jogo não é a sobrevivência de um partido político ou de uma pessoa, o



que está em jogo é o destino deste País. Ou seja, desde 1980 que o Brasil tem dificuldade de crescer. Nós, agora, criamos o Programa de Aceleração do Crescimento, resolvemos colocar 504 bilhões para investimento até 2010, e certamente, com a participação da iniciativa privada, nós vamos ter muito mais investimento. Eu acho que é isso que interessa, interessa à oposição, interessa à situação e interessa a todo mundo, ou seja, o Brasil precisa sair deste ciclo de 26 anos de baixo crescimento e entrar num forte crescimento.

Jornalista: O que o senhor vai fazer de diferente? O senhor falou que vai fiscalizar de perto, que tem que olhar o rebanho de perto. Está diferente do primeiro mandato?

Presidente: Uma coisa que nós temos que fazer é que nós criamos um Conselho Gestor, que vai acompanhar semanalmente o que está acontecendo em cada obra que nós definimos como prioridade. E eu, a cada 15 dias, estarei recebendo, da ministra da Casa Civil, a ministra Dilma, um relatório, passo a passo, de cada obra, o que está acontecendo em cada estado, qual a dificuldade, porque não andou, por que andou, qual é o problema que está tendo, para que a gente possa, de forma acelerada, fazer com que as coisas aconteçam.

Jornalista: O senhor vai cuidar disso pessoalmente?

Presidente: Eu pessoalmente vou cuidar disso, até porque, veja, eu estou numa situação muito confortável, ou seja, eu não disputo mais nada no Brasil, eu estou apenas querendo que o Brasil cresça economicamente. Então, enquanto as pessoas que estão pensando em eleição estão fazendo as disputas, os discursos, o meu problema, nestes quatro anos, é trabalhar, trabalhar e trabalhar, para que a gente possa concretizar todas as obras que



nós definimos e que são prioridade para o Brasil.